



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

AS RELAÇÕES AFETIVAS E AS GUERRAS EM IMITAÇÃO DE SARTRE & SIMONE DE BEAUVOIR DE JOÃO MELO

Miquele Batista da Silva
Universidade Federal da Bahia
mique_batista@hotmail.com

Será que o livro de contos **Imitação de Sartre & Simone de Beauvoir** de João Melo se trata realmente de uma “imitação”? As narrativas presentes nesse livro de 1998 tratam de questões referentes ao relacionamento amoroso desse famoso casal europeu de meados do século XX? Ou ainda, será que tratarão apenas de relacionamentos amorosos?

Um estudo atento da produção do escritor João Melo revelará a tendência desse escritor para o uso de ícones e de personagens relacionadas às culturas europeias e ocidentais, mantendo, assim, não só diálogos com cânones largamente aceites, mas também uma interação comunicacional e artística a envolver fronteiras físicas, políticas e culturais.

Sabe-se que Angola passou por um grande período de guerras no seu território, buscando a independência, principalmente, em relação ao país colonizador, Portugal. Período seguido por uma guerra civil que perdurou até ano de 2002. Diante de tais fatos, percebe-se que esses conflitos deixaram, e ainda deixam, marcas em diversos segmentos da sociedade angolana. No rol dos comportamentos que sofreram marcas mais significativas estão as relações de gênero que foram se modificando através dos diversos contatos culturais desse período. Transformações que refletiram tanto no comportamento feminino quanto no masculino, isoladamente ou postos em relação.

São essas transformações dos comportamentos humanos que permeiam os contos de João Melo no livro **Imitação de Sartre & Simone de Beauvoir**, embora não se trate de um acontecimento isolado, nem sequer exclusivo do país ou do continente, mas algo possível em qualquer parte do mundo: “A Revolução Angolana não foi a primeira nem será a última que assistirá a esse processo de decomposição de alguns homens que, bravamente, lhe deram corpo” (MELO, 2004, p.28). Com essa afirmação do narrador, João Melo coloca em discussão o processo de corrupção moral por que passaram os angolanos durante e após as guerras de independência e civil,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

assinalando como elas interferiram nos relacionamentos, assim como desvelando a emergência contumaz de dissolução de figuras públicas, heróicas e revolucionárias.

Um dos contos escolhidos por abordar tais aspectos é “Até que a morte os juntou” (p.19-24). Não se deve iniciar a leitura do conto já predeterminando-se a só pensar a morte tragicamente, visto que ela está servindo como meio de união neste caso. Trata-se de um conto que aborda de maneira rápida alguns fatos da história da guerra de libertação angolana, os trânsitos culturais ocorridos e a saída de uma boa parte da população para outras partes do mundo.

Nessa história é apresentado o diálogo entre um casal de angolanos que se conheceu durante as reuniões do MPLA (Movimento pela Libertação de Angola). Neste relato, o amadurecimento amoroso dessa relação acontece concomitantemente com o militar: “Tinham descoberto o sexo, juntos, no intervalo dos combates” (MELO, 2004, p.22). Assim, são apresentadas algumas das ações das personagens durante e depois da guerra, sendo as diversas saídas dos dois do país a principal. Viagens que só terminam com a morte de ambas as personagens.

Além das viagens a propiciar o contato com outras culturas, a abordagem de alguns episódios da guerra civil angolana dá-se através da alusão à presença de outros países apoiando os três movimentos de libertação, fato que desencadeou outras trocas e trânsitos culturais no território angolano. A União Soviética e Cuba perfilavam-se ao lado do MPLA (Movimento pela Libertação de Angola), a África do Sul apoiava a UNITA (União Nacional pela Independência Total de Angola) e o Zaire, a FNLA (Frente Nacional de Libertação de Angola). A relação de forças é referida por João Melo: “Os inimigos vinham de todos os lados, com aqueles rostos de cazumbis¹ sombrios. Tinham os olhos verdes como pus. Eram muitos. Só poderíamos derrotá-los se usássemos a imaginação”. (MELO, 2004, p. 21).

Desse intenso contato com diversos países, a cultura angolana não ficaria ileso, nenhuma cultura ficaria a ponto de não sofrer transformações e hibridizações. E essa mescla pode ser percebida até mesmo no ato sexual: “Ele bebe de todas as reentrâncias dela. Sabes que quando fizeste isso pela primeira vez eu fiquei chocada? Pensava que só os cubanos o faziam...” (MELO, 2004. p. 22). A memória da guerra entrelaça-se ao

¹ Cazumbis: espíritos, almas do outro mundo.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

humor e abre espaço novo à ironia persistente e sugestiva, além de desconstrutora diante de poderes e de privacidades há muito tornadas sagradas.

Após o longo período de guerras que terminou com a vitória do MPLA, as duas personagens decidem sair do país e estudar no exterior. Atitude, talvez, tomada por muitos naquele período, muitos que possuíam um poder aquisitivo considerável, se não, foram obrigados a sair ou foram expulsos: Afinal, “depois da vitória, resolveram estudar no exterior. União Soviética. Ela fez Química e ele Relações Internacionais. Quero ingressar na diplomacia, dizia. Gosto muito de viajar”. (MELO, 2004. p. 22). Observa-se uma procura, principalmente, por países que eram aliados aos movimentos de libertação. Neste caso, a União Soviética e a Iugoslávia.

Já outros personagens ficcionais, assim como muitos sujeitos, abandonaram o país e a família por medo do que iria acontecer. Esse é o caso Rui, o marido de Maria no conto “Querida Maria”:

O Rui, marido de Maria, tinha bazado nas confusões de 75. Estava no Huambo quando os sul-africanos chegaram, apanhou a primeira ponte aérea para Lisboa e desembarcou no Terreiro do Paço com a roupa do corpo, sem falar com ninguém, mas com a uma alegria misteriosa nos dentes que Maria dizia serem “dentes de rato, dentes de rato”, não se sabe se afectuosamente ou com ódio premonitório. (MELO, 2004. p. 42)

Nesse sentido a saída do casal de Angola pode ser tomada como metonímia das diversas pessoas que deixaram o país, não só após a guerra, mas durante ela também, os refugiados. E a partir dessa grande diáspora, o povo angolano e, principalmente, suas culturas foram sendo espalhadas pelo mundo através de seus filhos. Como relatado pela personagem do conto “Até que a morte os juntou” “Puxa!, parece que o nosso destino é espalhar filhos pelo mundo...”(MELO, 2004. p. 23). É interessante observar que tal citação mostra que a diáspora angolana, que, no primeiro momento, era limitada à antiga metrópole e aos países aliados, já alcançou proporções mundiais, podendo ser encontrados angolanos em todas as partes do mundo.

Devido aos intensos trânsitos culturais que as viagens proporcionam, verifica-se que vão surgindo mesclas de nacionalidades, propiciadas, principalmente pelos filhos dos refugiados ou viajantes: “O Jika nasceu em Leninegrado... É temos um filho soviético... Um soviético negro...Riram” (MELO, 2004. p. 22-23). Além de questões de nacionalidade, são ressaltadas nesse trecho também as misturas étnico-raciais que foram



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

propiciadas por contatos, já que o escritor faz questão de frisar que esse soviético é negro. O humor incontestado do primeiro plano conjuga-se à ironia e à crítica da cultura.

Em virtude do caráter crítico do discurso de João Melo, não podemos esquecer do seu potencial irônico ao abordar questões que demandam discussões. Nesse conto não seria diferente. Assim, ao tratar das questões étnico-raciais, o autor não deixa de dar uma possível “estocada”: “Um soviético negro...Riram. O Puskhin também era...Mas eles não dizem...Voltaram a rir”. (MELO, 2004. p. 23). Ao considerar um poeta importante da literatura russa negro, João Melo acaba por colocar em evidência os embates em torno da aceitação e do reconhecimento de muitas pessoas como negras em várias partes no mundo, não apenas na Rússia, já que esta questão está cercada por uma lógica excludente que impede alguns indivíduos de se declararem negros, bem como admitirem-se negros nos mais altos escalões, como a Alta Cultura, restritos a brancas elites. Para Stuart Hall (2009), retomando texto de 1994, “‘Raça’ é uma construção política e social. É categoria discursiva em torno da qual se organiza um sistema de poder socioeconômico, de exploração e exclusão – ou seja – o racismo. Contudo, como prática discursiva, o racismo possui uma lógica própria” (HALL, 2009, p. 67).

Já o conto “Crime e Castigo” tem como foco a corrupção do indivíduo durante e após as guerras. A personagem que irá representar essa corrupção é Pedro Domingos João ou, como era conhecido, “o camarada Tiro Infalível”, um ex-combatente que possuía duas mulheres – Lemba, a companheira, e Rita, a amante –, e passava por um período de confusão emocional, devido à necessidade de escolher uma, entre as duas, para ser a legítima esposa.

O curioso nome Tiro Infalível é herança das batalhas durante as guerras e não apenas uma analogia à vitalidade sexual da personagem, em mais uma mescla de ironia e humor. Segundo o autor,

[o] pseudônimo de Pedro Domingos João era um autêntico nome de guerra e nada tinha a ver com o sentido pecaminoso que se atribui, no português angolano, à expressão “dar um tiro”. Todos lhe tratavam, portanto, por Tiro Infalível, não por causa da sua comentada vitalidade sexual, mas porque, durante a luta pela independência, ele se fizera conhecido por conseguir abater os helicópteros inimigos apenas com um único disparo. (MELO, 2004. p. 27).



Os feitos da personagem foram tão importantes para o país que ele virou lenda, sendo homenageado de diversas formas, “mas isso tudo foi antes da independência” afirma Melo (2004, p. 28) em tom de advertência. Nota-se nesse episódio uma crítica e também uma ênfase ao momento de independência, no qual tiveram início as mudanças da personagem:

A entrada em Luanda, depois da vitória sobre os colonialistas, causou em Pedro Domingos João um imenso impacto psicológico terrível [...], o que esteve na origem de uma série de inusitadas mudanças de atitudes, que não vale a pena aqui, enumerar. Direi apenas, para resumir com uma expressão: o camarada Tiro Infalível aburguesou-se. (MELO, 2004, p.28)

Nesse trecho há uma referência aos momentos finais da guerra colonial em Angola, nos quais, após a vitória do MPLA sobre os portugueses, a “entrada” em Luanda, fazendo alusão à retomada do poder pelos angolanos do poderio de séculos da vida da então colônia. Assim, após esses momentos de glória, Tiro Infalível se encantou pelas vantagens possibilitadas não só pela fama que conquistou durante as batalhas, mas também pelos cargos importantes aos quais foi nomeado: “A verdade é que, depois da independência, Tiro Infalível foi nomeado para vários cargos; para falar com mais propriedade, circulou por praticamente todo o aparelho administrativo: foi duas vezes ministro, vice-ministro, uma vez, e secretário de estado, outras duas vezes” (MELO, 2004, p.28). Aliado ao aburguesamento da personagem, verifica-se que é trazida à baila a situação política em que ficou angolana, após a guerra, a mercê dos políticos vitoriosos que alternavam as pastas ministeriais, independente da qualificação para o cargo.

O aburguesamento apontado de Tiro Infalível desencadeou uma outra transformação, pela qual passou a personagem a descoberta da diferença entre as mulheres da cidade e aquela com quem ele vivia, provavelmente oriunda de uma região rural: “Outra notável transformação é que Tiro Infalível descobriu de repente, como as mulheres da capital eram tão diferentes da companheira que ele arranjava durante a guerrilha, a Lemba. Isso, definitivamente, mexeu com ele”. (MELO, 2004, p. 28-29). Esse estreitamento dos mundos rural e urbano postos em relações contrastivas possibilitou a verificação de aspectos que os diferenciavam, principalmente no quesito relações de gênero:



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

acabou por fixar-se em Rita, uma mulata que usava cinto perucas e ia à praia de salto alto. Mas não abandonou a Lemba, com quem tinha três filhos. Quer dizer: a Rita foi erigida apenas à condição de 2ª região (para usar uma expressão militar-sentimental muito em voga), com direito a apartamento e uns presentinhos que ele trazia das viagens; em troca, por exemplo, ela recebia-o com a peruca roxa, além de outras loucuras impublicáveis. (MELO, 2004. p. 29)

Tiro Infalível, dessa maneira, fica fascinado pela possibilidade de possuir outras mulheres, além da esposa oficial, sem precisar consolidar matrimônio. Assim, ele não abandona a esposa, e, ainda, elege Rita a amante ou “2ª região”, mudanças que não o incomodavam. A utilização da nomenclatura “2ª região”, novamente retirada do mundo militar, é bastante conhecida entre angolanos, principalmente os homens, servindo como artifício para nomear as amantes. O hábito de nomear as amantes não só com vocábulos militares, mas também pejorativos e numéricos para marcar a quantidade de mulheres que determinado homem possuía foi observado por Fátima Viegas na mesa-redonda realizada pela FAAN- Fundação Dr. António Agostinho Neto: “vivemos uma realidade híbrida, caracterizada pela combinação, mais ou menos velada, de um casamento de acordo com o regime legal, supostamente monogâmico, com outra união (ou outras uniões) conjugais. As chamadas ‘Luanda 2 ou 3’.” (FAAN, 2010).

Para a personagem a mudança de comportamento e os benefícios conseguidos, algumas vezes sem mérito, não a incomodavam. Tudo que havia conquistado – mulheres, dinheiro e poder, era merecimento pelos anos de dedicação à Angola: “Tiro Infalível tinha uma teoria bastante escorregadia para autojustificar a sua alucinante mudança de vida. Perguntava, mas a pergunta já era uma resposta: para quê que lutei?” (MELO, 2004, p.29). Verifica-se a utilização de uma pergunta como resposta “para quê lutei?”, explicitando de maneira irônica que a justificativa da personagem para a sua participação na guerra não era, nem um pouco, patriótica, mas apenas para colher os lucros. Assim, não lhe causava nenhum remorso o novo estilo de vida, muito menos as duas mulheres: “Quanto ao facto de ter duas mulheres, a única coisa que o preocupava eram aquelas imagens trocadas, quando tinha relações sexuais com elas. De resto, estava em paz com sua consciência: dava-lhes tudo”. (MELO, 2004. p. 29). Mais uma vez, repete-se o discurso machista que afirma que para a mulher estar feliz



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

basta que ela seja suprida de necessidades materiais, o escritor utiliza de discursos polêmicos para obter uma reflexão acerca desse aspecto.

A solução dos problemas para Tiro Infalível, em relação a qual das duas mulheres ficaria, ocorreu, de maneira inesperada. Enquanto ele estava na casa da amante Rita, recebe o telefonema do irmão:

A Lemba morreu. O quê?! Morreu, quer dizer, enforcou-se, lhe encontramos mesmo na casa de banho, com a corda no pescoço, já não respirava mais quando lhe seguramos. (...) Tiro Infalível, numa espécie de acto falho, cobriu o corpo de Rita com o lençol e saiu. Apesar de tudo, estava contente. (MELO, 2004. p. 29)

Não é revelado o motivo do suicídio de Lemba, cabe ao leitor fazer as inferências que julgar plausíveis. Será que foi um suicídio realmente? Ironicamente, no entanto, a morte da companheira apenas serviu para resolver o dilema que Tiro Infalível se encontrava, pois havia sido nomeado para um novo cargo, o de embaixador, e não sabia qual das duas mulheres levaria para ser embaixatriz. “ ‘Bendita hora’, pensou já sem escrúpulos. O suicídio da Lemba veio mesmo a calhar”(MELO, 2004. p.30). Assim, a suporta morte de Lemba contribuiu para que Tiro Infalível, homem sem escrúpulo e corrompido, tomasse posse de um novo cargo político, cercado pela falsa aura de herói.

Além de influenciarem a configuração das relações de gênero, verifica-se que as guerras e o momento pós-guerra de independência são assuntos constantes entre os casais, motivando diversas vezes discussões entre eles. Flagram-se alguns desses aspectos no conto “Querida Maria”, no qual são narradas reflexões da personagem Maria sobre os momentos ao lado de Frederico, o homem que deseja que ela saia da casa da mãe e vá morar com ele. Maria encontra-se em dúvida se deve aceitar a proposta do namorado, sendo que um dos fatores que mais interfere nessa decisão são as dificuldades sociais e econômicas em que se encontra Angola, realidade que dificulta o caminho das mulheres que buscam viver de maneira independente sem a necessidade da proteção de um homem:

Sim, a passagem d’ano, mais doze meses pela frente. Ano Novo, vida nova? Será que iria aparecer comida nas lojas? A guerra, a guerra terminaria? Iria ela finalmente arranjar casa? Todas as pessoas a quem pedira ajuda para



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

arranjar apartamento tinham-lhe vindo com insinuações, deixando escapar certas coisas...Cabrões! Filhos da puta! (MELO, 2004. p.44)

No trecho acima, Maria traz para a discussão a incerteza dos rumos da guerra no ano que chegava, e, principalmente, a situação financeira caótica que havia em Angola, devido ao longo período de guerras que provocou não só a escassez de alimento, mas, sobretudo, a dificuldade de encontrar imóveis em uma cidade quase completamente destruída. Aliada a isso, ainda é abordada a dificuldade que uma mulher experimenta para conseguir fazer negócios com os homens, chamados por Maria de “cabrões”, uma vez que as “insinuações”, às quais a personagem faz referência, podem ser interpretadas com alguma conotação sexual, mostrando o quanto é difícil a relação entre homens e mulheres.

A personagem critica também a falta de educação no tratamento destinado às pessoas, que ficou bastante comprometido devido às longas guerras, no campo das relações sociais democratizadas: “Várias vezes disse Maria a Frederico: ‘Já não agüento mais este país’. O pior era a falta de educação. Depois da revolução, tudo era ‘camarada, camarada’. Não havia mais senhores, nem senhoras, todos eram iguais.” (MELO, 2004, p.44). Além dos problemas estruturais e educacionais, Maria frisa que, após a conquista da independência, pairou sobre Angola um duvidoso clima de igualdade social. Ao utilizar o vocábulo “camarada”, forma por que os militantes do MPLA se tratavam e passaram a chamar as outras pessoas, Maria faz uso do símbolo lingüístico do grupo vencedor da guerra e, portanto, do grupo do poder, e ironiza a situação, uma vez que todos eram camaradas, mas não desfrutavam dos mesmos direitos. Mecanismo que se associa, neste momento, à ironia retórica conceituada por Lausberg (1972):

A ironia (simulatio, illusio, permutatio ex contrario ducta; em grego ironia = antífrase), como tropo de palavra [...] é a utilização do vocabulário que o partido contrário emprega para fins partidários, com a firme convicção de que o público reconhecerá a incredibilidade desse vocabulário. Deste modo, a credibilidade do partido que o orador defende é mais reforçada e de tal modo que, como resultado final, as palavras irônicas são compreendidas num sentido que é contrário [...] ao seu próprio. (LAUSBERG, 1972 apud DUARTE, 2006, p. 20)



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

Por isso a ironia requer um leitor atento para a poder compreender, de modo que a ação desse recurso vai muito além do que está explícito na superfície textual. Conforme Linda Hutcheon “com a ironia você sai do reino do verdadeiro e do falso e entra no reino do ditoso e desditoso – de maneiras que vão muito além do que sugere o uso desses termos na teoria dos atos da fala. A ironia remove a certeza de que as palavras signifiquem apenas o que elas dizem.” (HUTCHEON, 2000, p.32).

Durante essas discussões, contudo, Frederico sempre questionava as indignações de Maria, minando as conversas com os princípios dele: “Ele nunca acreditava no que ela dizia, rebatia tudo, tinha sempre uma explicação, uma esperança, uma perspectiva, que tirava da algibeira como um mágico tira coelhos da cartola”. (MELO, 2004, p.45). Apesar de Maria tecer comentários pertinentes e críticos sobre a situação social e econômica do país, Frederico, devido à militância exacerbada que possui, não consegue admitir que o novo governo receba críticas de uma cidadã “comum”, ou seja, que não participa dos grupos militantes e, principalmente, de uma mulher. “O que é que tu querias? Sabes quantos alfabetizados os tugas nos deixaram?, quantos licenciados? Governar um país não é fácil...O importante é que somos independentes, somos *nós mesmos*, como dizia o poeta.” (MELO, 2004, p.44. Grifo do autor). “Os tugas”, citados anteriormente, são os portugueses que, durante a colonização, assim como ao se retirarem do país durante as guerras, deixaram-no em *deficit*, principalmente, no campo da educação. A resistência de Frederico em visualizar que esta situação, apesar de ser conseqüência das guerras, já deveria estar revertida, deve-se ao fato de acreditar que o objetivo maior foi alcançado, a independência.

Diante da impossibilidade de se considerar, na atualidade, as fronteiras rígidas entre os diversos países ou diversos campos postos em contato, por fluxos de colonização, globalização e neo-imperialismo, uma vez que trânsitos e trocas são constantes, tanto lingüísticas quanto culturais, entre os diversos países ou diversos campos, uma leitura atenta à modulação desses temas na obra de João Melo deve adotar um posicionamento que possibilite observar esses fenômenos como indícios de deslocamentos dos binarismos que permeiam a modernidade. Assim, na busca de trazer para discussão as relações de gênero angolanas, e principalmente a poligamia, questões tão incômodas ainda, João Melo lança mão de inúmeros recursos possíveis da ironia e do humor, articulados a diálogos com campos culturais diversos, com que resulta



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

enriquecer as narrativas dotando-as de complexidade, historicidade e humanidade, por entre marcas de ficcionalidade, trabalho com a linguagem e qualidade estética raras.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

REFERÊNCIAS

DUARTE, Lélia Parreira. **Ironia e humor na literatura**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas; São Paulo: Alameda, 2006.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

HUTCHEON, Linda. **Teoria e política da ironia**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

MELO, João. **Imitação de Sartre & Simone de Beauvoir**. Lisboa: Editora Caminho, 1999.

MELO, João. **Imitação de Sartre & Simone de Beauvoir**. Luanda: Edições Maianga, 2004.

POLIGAMIA ou adultério? **FAAN :FUNDAÇÃO DR ANTÓNIO AGOSTINHO NETO**, Luanda: 6 maio. 2010. Disponível em:
http://www.agostinhoneto.org/index.php?option=com_content&view=article&id=359%3Apoligamia-ou-adulteiro&catid=37%3Anoticias&Itemid=78&lang=pt. Acesso: 3 out. 2010.